



## Crianças com diabetes mellitus são mais baixas do que a média

Crianças portadoras de diabetes mellitus do tipo 1 tendem a ser mais baixas do que crianças saudáveis. A conclusão faz parte de um estudo junto a 126 meninos e meninas com idades entre 1 e 11 anos de idade, realizado pela pediatra Maria Fernanda Vanti Macedo Paulino, na Faculdade de Ciências Médicas (FCM) da Unicamp. A pediatra comparou um grupo de portadores da doença com um grupo de não portadores, observando que os diabéticos tiveram o desenvolvimento afetado por conta da enfermidade. “Quanto maior o tempo de diabetes, maior a perda estatural. No início do diagnóstico, as crianças apresentavam estatura normal em relação à média de referência, mas foram se afastando dessa média com a evolução do quadro”, observa.

**Pediatra associa diferenças ao tempo da doença**

Maria Fernanda Paulino, que atende há 11 anos no Ambulatório de Diabetes-Pediatria do Hospital das Clínicas (HC), constatou a importância da avaliação sistemática do peso, altura e composição corporal nos pacientes com diabetes, visando melhor entendimento da dinâmica do crescimento neste grupo, e também uma intervenção precoce na abordagem terapêutica, diante de sutis desvios da normalidade.

“O objetivo do trabalho foi avaliar a repercussão do diabetes mellitus sobre o crescimento das crianças e examinar possíveis relações com parâmetros clínicos e laboratoriais, uma vez que a doença possui características genéticas e imunológicas bem documentadas e vários fatores ambientais têm sido apontados como fatores desencadeantes”, es-



Fotos: Antoninho Perri

A pediatra Maria Fernanda Paulino: “Quanto maior o tempo de diabetes, maior a perda estatural”

clarece. Segundo a médica, a incidência mundial cada vez maior faz do diabetes mellitus uma das mais importantes doenças endócrino-metabólicas em pediatria.

A pesquisa de mestrado, orientada pelo professor André Moreno Morcillo, envolveu 59 crianças diabéticas no HC. Tendo acesso aos dados antropométricos das crianças desde o início, Maria Fernanda conseguiu avaliar a evolução desses dados da primeira consulta até os atuais, constatando assim a perda estatural. O grupo controle tinha 67 crianças saudáveis.

Para determinar as diferenças entre os dois grupos, a pediatra transformou os dados analisados no chamado *score z* (número de

unidades correspondente ao afastamento da média de referência). Enquanto o grupo controle apresentou o *score z* de altura +0,28, no de diabéticos ele foi -0,13, abaixo da média normal. No entanto, mesmo sendo uma diferença estatisticamente significativa, a altura das crianças diabéticas ainda se encontrava dentro dos parâmetros de normalidade. Segundo Maria Fernanda, a única variável que se conseguiu associar com as diferenças de estatura foi o tempo de doença. Outras variáveis como sexo, renda familiar *per capita* e controle metabólico também foram analisadas, mas não mostraram relação com a perda na estatura.



Carlos Klebis, professor: “Os livros são tratados de maneira utilitarista na escola”

## A respeito de alunos que destratam os livros

Alunos chutando livros e cadernos ou até mesmo rasgando-os ao final do ano letivo. As cenas levaram o professor Carlos Eduardo de Oliveira Klebis a investigar melhor uma questão que ainda apresenta inúmeros desafios: a relação desses leitores em formação com o livro. Klebis analisou em separado os três principais agentes do processo – a escola pública, a biblioteca e o professor – e descobriu, nas três instâncias, indícios de que o processo escolar de formação de leitores mais afasta o estudante do livro do que atrai.

Uma constatação foi que na escola, em relação ao desenvolvimento das competências de leitura, deixou-se de lado o envolvimento com o objeto em si. “Os livros são tratados de maneira utilitarista na escola, a partir de um trabalho atrelado ao entendimento e interpretação, totalmente desvinculado da subjetividade, da emoção e da experiência particular do leitor”, analisa. Na dissertação orientada pela professora Lílina Lopes Martin da Silva, Carlos Klebis resalta a importância de se construir vínculos entre o estudante e o ato da leitura.

O professor acredita que seu trabalho sirva para alimentar uma discussão mais aberta acerca das práticas escolares de leitura. “A escola e a biblioteca têm um papel primordial na construção das relações entre leitores e livros. Não basta formarmos leitores hábeis e competentes; é preciso formar leitores que, sobretudo, tenham vontade de ler e que não vejam a leitura como uma prática enfadonha e onerosa”, observa.

Klebis acrescenta que a leitura na escola muitas vezes se dá apenas em função de um questionário ou prova, ou seja, é vista como uma obrigação, uma atividade vigiada e regularmente avaliada. É comum, segundo ele, que no planejamento escolar realizado no início do ano, os gêneros textuais, autores e obras sejam escolhidos antes de os professores conhecerem seus alunos. “É o mesmo que o médico dar um diagnóstico e receitar um medicamento antes de ver o paciente”, compara. Para o autor, antes da adoção dos livros é preciso saber o que o aluno já leu, o que gosta de ler e o que despertaria a sua curiosidade. Klebis cita o exemplo de um professor que adotou *A Moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, quando a maioria na sala era de meninas. “É um descuido que afasta um possível leitor, pois a obra está fora de contexto”, argumenta.

A respeito das bibliotecas, o professor se deparou com muitas salas utilizadas como depósitos. “A maior parte está fechada e os professores não têm tempo para organizar o acervo. São caixas e caixas fechadas de livros nunca usados”, atesta. Outras escolas dispõem de biblioteca, mas mantêm os livros fora do alcance das crianças, que vêem aquele espaço como pouco convidativo e reservado aos eruditos.

## Pesquisa mostra perfil dos idosos que mais aderem à vacinação contra gripe

Idosos com 70 anos ou mais, portadores de hipertensão arterial e com menor grau de escolaridade, são os que mais aderem à vacinação contra a influenza no Estado de São Paulo. Esse perfil foi apurado a partir de análises feitas pela estatística Priscila Maria Stolses Bergamo Francisco, com base no Inquérito de Saúde do Estado (ISA-SP), realizado pelas três universidades estaduais paulistas – Unicamp, USP e Unesp – em parceria com a Secretaria Estadual de Saúde. Segundo Priscila, o estudo identificou grupos de idosos com maior probabilidade de não adesão à vacinação, que deveriam ser alvo de campanhas específicas, visando ao aumento da cobertura da vacina.

**Entre os acima de 60, apenas 66% foram vacinados**

As avaliações da pesquisadora renderam três artigos publicados em revistas científicas que compõem sua tese de doutorado “Fatores associados à vacinação contra influenza e doença pulmonar em idosos”, orientada pela professora Maria Rita Donalisio Cordeiro, da Faculdade de Ciências Médicas. No primeiro artigo, Priscila avalia os fatores associados à vacinação a partir de dados dos municípios de Campinas, São Paulo, Botucatu, Taboão da Serra, Embu e Itapeirica da Serra, referentes aos anos de 2001 e 2002. Dentre as pessoas com mais de 60 anos que responderam o questionário, apenas 66% declararam terem sido vacinadas, sendo que o principal motivo apontado para a não adesão à vacina foi a falta de esclarecimento sobre seus benefícios.

“Eles relataram que não consideram a vacina importante e também acreditam que a imunização provoca reações. Outros alegaram ter adoecido após tomar a vacina em período anterior. Não consideraram, no entanto, o fato de que a vacina é específica para a prevenção da influenza e não de outras viroses que provocam quadros clínicos respiratórios semelhantes aos da gripe”, explica Priscila. Para ela, as campanhas deveriam ser mais educativas, pois o objetivo da vacinação contra influenza no idoso é pre-



Foto: Antoninho Perri

A estatística Priscila Bergamo Francisco: idosos que resistem à vacinação não creem na eficácia ou temem reações

venir complicações decorrentes de uma infecção pelo vírus da gripe, como as pneumonias virais e bacterianas.

Os resultados apontaram ainda que as maiores coberturas foram observadas entre aqueles de menor renda. Para Priscila, uma das justificativas seria a maior frequência desses idosos nos serviços públicos de saúde. “Eles são em sua maioria dependentes do SUS, especialmente dos medicamentos distribuídos e, habituados a frequentar a unida-

de básica, estão mais atentos às recomendações educacionais dos profissionais de saúde e ações preventivas ofertadas”, esclarece.

Outro dado importante encontrado nas avaliações foi a baixa prevalência de 67% de vacinação em idosos portadores de doenças pulmonares. Para Priscila esta taxa deveria ser muito maior, pois, segundo a Organização Mundial da Saúde, tanto os idosos quanto as demais pessoas portadoras de doenças crônicas devem ser priorizados.